

PRODUÇÃO CULTURAL AUTÔNOMA EM REDE E SINGULARIZAÇÃO DA SUBJETIVIDADE

Mauricio José de Jesus¹

Orientador: Prof. Dr. Washington Luís Lima Drummond

Para situar as modificações da problemática apresentada no ante-projeto de pesquisa, preciso começar por situar a inquietação de onde emerge o problema que formulo. Ouso afirmar que o Axé-music e a indústria do carnaval se constituem como a expressão atual do monopólio cultural na Bahia. E mais, que estes produtos se configuram como modos de produção da subjetividade. Pretendem definir o gosto musical (e cultural) do baiano colando, quase como uma foto de identidade, tais produtos como a marca da identidade cultural baiana.

Não se trata de defender a identidade cultural baiana, mas sim de mapear modos de subjetivação alternativos ao modo dominante, que no caso da indústria da música em contexto baiano, pode ser percebido no Axé-music e seus derivados (como pagode, arrocha e suas variantes universitárias) que, pelo seu caráter monopolista midiático, deixa pouco espaço de mercado para outras expressões culturais e portanto outras subjetivações. A indústria do carnaval e seu produto musical que é a Axé-music, no âmbito da produção cultural, possui suas margens e é perscrutando tais margens que busco formas alternativas de produção cultural.

Neste sentido, o primeiro esboço do problema era tentar perceber na produção musical independente, formas de associativismo, como cooperativas de produção; coletivos de músicos; mídias independentes; enquanto alternativas à industrialização da cultura operada pela indústria do carnaval baiano. Foi a partir desta intuição que comecei a observar a convergência entre a cultura digital (ou cibercultura) e a produção musical independente, onde esta produção se utilizava de softwares de gravação para produção de músicas (homestúdios) e da internet como principal meio de distribuição e “propaganda” de seus produtos.

Tal convergência, entre a produção musical independente e a cultura digital, pode potencializar muito a difusão de estilos musicais alternativos, além de libertar o músico dos ditames das grandes corporações midiáticas e fonográficas. Possibilita também a constituição de novos modos de produção onde a cooperação e a colaboração confronte a ênfase concorrencial da indústria cultural.

Assim, a primeira formulação da problemática do ante-projeto, apontava para tentar compreender como se articula a produção musical independente dentro da concepção

¹ Mestrando no Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural do Departamento de Educação - UNEB - Campus II – Alagoinhas BA.

cooperativista de produção em rede e quais potencialidades para uma singularização da subjetividade possuem tais práticas. No momento da formulação deste problema, ainda não havia feito um mapeamento de cooperativas de produção musical independente, não possuía exemplos concretos que pudessem me ajudar nesta questão. A questão me entricheirava na busca por experiências de produção musical cooperativa que possuíssem um discurso colaborativo de mercado articulado à democratização da cultura digital.

Foi, então, que num mapeamento preliminar na *Web*, encontrei uma rede colaborativa denominada Rede Fora do Eixo². Esta rede havia se constituído, em 2005, a partir de um circuito de festivais independentes, organizados por coletivos de produtores e artistas autônomos que se encontravam fora do eixo Rio-São Paulo, e que buscavam divulgar cenários musicais independentes, principalmente do universo Rock and Roll, fazendo circular a produção de bandas alternativas de cidades como Cuiabá (MT), Londrina (PR), Rio Branco (AC) e Uberlândia (MG). Tais festivais eram organizados por produtores e artistas independentes que colaboravam entre si, e tinham um caráter autogestionário forte, baseados nos princípios do cooperativismo.

O que me chamou a atenção para esta Rede foi seu caráter rizomático de organização e de inventividade, que mobiliza coletivos culturais propondo modos alternativos de produção cultural, se estruturando de forma horizontal e com um discurso de economia solidária, tudo isso alicerçado pela cultura digital. Embora no seu começo esta rede se dedicasse muito mais a eventos culturais relacionados à música (festivais de bandas independentes), e buscasse articular pequenos empreendimentos, associando-os e gerando ninchos de mercado para música independente, a rede se desenvolveu, a ponto de ser abraçada e estimulada pelo Minc na gestão de Gilberto Gil e Jucá, chegando a se constituir como principal referência na elaboração de políticas públicas para a cultura, principalmente no que se refere às políticas públicas para a cultura digital e sua democratização.

Dos festivais de música independente até à sua proliferação em território nacional (e internacional no âmbito da América do Sul), a Rede Fora do Eixo consegue articular inúmeros coletivos culturais, que envolvem diferentes linguagens, e se constitui como uma experiência contundente da convergência entre a cultura digital e os novos modos de produção cultural. Este feliz encontro com tal experiência resolvia uma parte da problemática inicial sugerida no anteprojeto, no que diz respeito às articulações entre a produção musical e o cooperativismo em rede.

² Cf. <http://foradoeixo.org.br>

A Rede Fora do Eixo possibilita a institucionalização de práticas cooperativistas em rede no universo da produção cultural e as estimula. Resta saber se a institucionalização de um tal modo de produção propõe algum tipo de singularização da subjetividade.

Até aqui, busquei situar a problemática da pesquisa em seus primeiros questionamentos. A partir do encontro com a Rede Fora do Eixo, o problema inicial é modificado e busca perceber na produção cultural (e não só na produção musical independente) traços de singularização da subjetividade. Para tanto, farei uma breve abordagem acerca das noções de produção de subjetividade e de singularidades, e assim apresentarei o momento atual do problema.

Para Guattari, com o desenvolvimento tecnológico, os *mass media* assumem um papel preponderante em relação aos fatores subjetivos e, portanto, a subjetividade precisa ser abordada sob o ângulo de sua produção. Com o alcance mundial da indústria midiática, a subjetividade se encontra num processo de homogeneização comportamental produzida para a reprodução do próprio sistema capitalista.

No intuito de combater esta tendência, Guattari propõe uma abordagem da subjetividade enquanto produto de instâncias individuais, coletivas e institucionais, onde o processo de produção da subjetividade não se dá por via única, mas sim num agenciamento que envolve múltiplos componentes. São componentes semiológicos significantes que se manifestam através da família, da educação, da arte e do esporte; elementos fabricados pela indústria da mídia e dimensões semiológicas a-significantes que atuam paralelamente (ou independentemente) por produzirem significações que escapam aos axiomas linguísticos (GUATTARI, 1992, p. 15).

A subjetividade é abordada, então, como polifônica e plural onde vários registros semiológicos, etológicos e ecológicos concorrem para sua produção. E mesmo que o CMI invista na tentativa para homogeneizar e serializar a subjetividade, o seu caráter polifônico e plural aponta zonas de escape que altera os processos de produção de subjetividade capitalista. Neste sentido, são os componentes desviantes, que configuram os aspectos criativos de ressignificação de conteúdos simbólicos, que potencializados, podem apontar para singularizações da subjetividade onde os processos de autonomização do sujeito possibilitem escapar à modelização subjetiva do capitalismo.

A noção de singularidade proposta por Deleuze busca combater o “atomismo psíquico” que a noção de indivíduo propõe sobre a rubrica de “sujeito consciente”. Para Deleuze, a singularidade remete a aspectos biológicos e fisiológicos, impessoais e pré-individuais, onde o corpo é o limite entre o fora (o mundo exterior que nos circunda) e o dentro (a realidade psíquica e subjetiva, consciência e inconsciente), que não tem nenhum vínculo nem com o sujeito consciente (indivíduo psíquico) e nem com a pessoa (Eu), pois tais instâncias são produtos da consciência, sendo que a

singularidade remeteria muito mais a processos inconscientes, do universo da criatividade, que produzem a própria consciência (DELEUZE, 1969, p. 108-111).

A singularidade é proposta como a instância criativa que organiza as formas de efetuação da consciência e que a torna mutável e adaptável ao mundo exterior (DELEUZE, 1969). Guattari retoma tal noção para propor modos de subjetivação que buscam escapar das modelizações subjetivas do capitalismo (GUATTARI, ROLNIK, 2008, p. 54-61). A singularização remete aos processos criativos de ressemiotização dos conteúdos simbólicos que se engendram na subjetividade, buscando escapar das significações dominantes.

Tal singularização é um modo de combater a produção de subjetividade que o próprio processo de produção material e de consumo implica. A singularização da subjetividade pode permitir a autonomização dos processos de atualização da consciência como instância em constante mudança e adaptação. Por isso a opção por tratar a subjetividade como polifônica e plural. Pois é essa pluralidade, e principalmente as dimensões a-significantes da subjetividade, que permite as linhas de fuga e desencadeia os processos de autonomização subjetiva e material. São os processos de criação e invenção que permitem a subjetividade sua singularização, ou seja, a criação e invenção de novas relações consigo mesmo, com o outro e com o mundo.

Uma das proposições de Guattari que me ajudam a recolocar a problemática de pesquisa é a que sugere que a produção de subjetividade se dá ao mesmo tempo que a produção e o consumo material e imaterial. Portanto, nos próprios produtos e em seu consumo podemos encontrar dispositivos de subjetivação.

Isto posto, gostaria de me deter na atual inquietação que fundamenta o problema que proponho. Se num primeiro momento busquei formular a questão visando mapear as formas cooperativas de produção focada na área musical, e dessas iniciativas tentar mapear as singularizações da subjetividade, ou seja, encontrar no cooperativismo em rede os dispositivos de subjetivação singular, atualmente desloco de tal questão caminhando para dois aspectos diferentes do problema inicial.

1. Tratar da produção cultural (não só musical) autônoma organizada em redes colaborativas baseadas no princípio cooperativo, ampliando as possibilidades de bens simbólicos produzidos em rede. Assim, podemos abordar não só os aspectos da produção musical, mas também aspectos de produção midiática alternativa, como vídeos-entrevistas de festivais, blogs de divulgação, jornais culturais online, home pages de coletivos culturais e etc.

2. Tentar perceber nos produtos culturais deste modo de produção alternativo, os traços de singularização da subjetividade implicados no seu próprio processo de produção.

Então, a partir destes dois aspectos, mapear as potencialidades das singularizações operadas no âmbito da produção cultural autônoma, na proposição e experimentação de uma outra noção de mercado, onde o valor de uso é que sobredetermina o valor de troca, invertendo a lógica do CMI e superando-a para, quem sabe, uma era pós-capitalismo numa espécie de mercado horizontal baseado na troca de serviços e de valores de uso.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. Das singularidades. In: *Lógica do sentido*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

GUATTARI, Felix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: 34, 1992.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suley. *Micropolítica: Cartografias do desejo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

